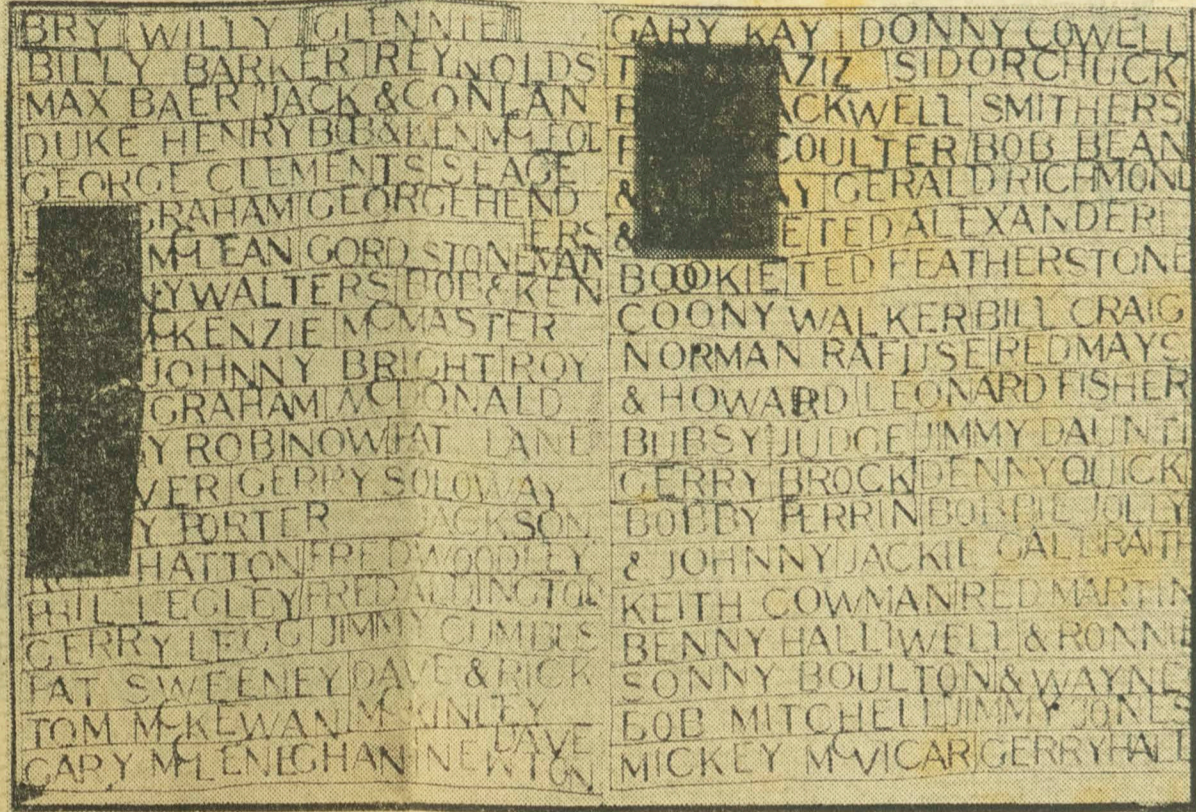


# As omissões do júri de premiação



As permutações do brasileiro Almir Mavignier, na representação da Alemanha, universalmente aplaudidas, foram ignoradas na X Bienal



O canadense Greg Curnoe, entre o caligráfico, o literário e o plástico de grandes proporções, passou despercebido do júri

Tachar o brasileiro Almir Mavignier de preciosismo, como teria ocorrido, segundo pronunciamentos filtrados ou ostensivos, equivale a olhá-lo com total miopia, e engerar em suas composições apenas refinamento, a técnica finíssima por ele inventada e desenvolvida para melhor servir a uma concepção artística na qual o vigor, a riqueza tonal e a variedade harmonizam-se de modo original e elevado. O que em Mavignier poderia aparecer precioso é exatamente algo que só se percebe de perto, após uma recusa injustificável a se reconhecer os aspectos predominantes de sua obra. Diversas das composições de Mavignier apresentam-se mesmo com um caráter afim ao do concretismo, movimento altamente fecundador de tantas proposições em voga. Apresentam mecânicas e geométricas precisas — embora mecânicas e geométricas da luz, com o tratamento sutil e delicado da matéria e da cor a serviço de concepções puristas e vigorosas. É impressionante perceber-se o vulto e a qualidade de pesquisa intelectual e experimental que sustenta e enobrece a obra de Almir Mavignier. Considerando-se tudo isto, bem como a própria extensão excepcional da participação do artista carioca na representação da Alemanha a uma Bienal do Brasil — Almir Mavignier parecerá a única alternativa possível a Albers para o Prêmio Itamarati, e em segunda hipótese, a um dos prêmios internacionais. O júri fraco deste débil X Bienal de São Paulo não concedeu a ele sequer uma das menções honoríficas com que contemplou seus favoritos. É vergonhoso que este brasileiro que representa a cultura alemã em todos os certames internacionais com premiação, ao chegar ao seu país seja ignorado. Isso também não deve ser perdoado ao júri e deve ser sempre cobrado da própria Fundação Bienal de São Paulo.

Um outro componente da mostra alemã, embora já em outro nível, talvez também tenha sido tachado de "precioso" sem receber nada de Gunter Haese. Embora os charmes vibratórios de suas peças já não nos interessem muito, trata-se de um inventor. Suas montagens de molas de relógios, folhas metálicas e pequenas peças móveis são originais e atraentes. Um artista isolado embora excepcional — sua mensagem ou sua proposição, não poderiam ser transmitidas a ponto de fecundar a imaginação de outros artistas, para ajudá-los a melhor compreender e expressar um ambiente de vida interior. Por outro lado, entretanto, o exame mais atento das composições de Haese revela que ali está definido e proposto todo um vocabulário plástico demasiadamente rico e expressivo para ser ignorado. Ocorre mesmo a lembrança de Klee.

Foi igualmente menosprezado todo um campo da criação artística contemporânea, não menos típico da atualidade que a própria *minimal art*. Trata-se, na verdade, da área fantástica que requer grande cuidado em sua apreciação, por prestar-se a um excesso de efeitos fáceis e ao emprego de truques que provavelmente jamais conseguirão real cidadania estética. Este setor é, entretanto, um campo experimental por excelência, o campo que deve merecer do crítico um máximo de boa vontade. A atividade do crítico — os verdadeiros profissionais da crítica o sabem — não pode restringir-se a uma simples atividade de julgamento; ela há de ser também um incentivo à invenção. A *op-art*, a arte cinética, a criação do objeto e a arte de participação ocorrem todas no plano experimental ao qual referimo-nos agora; cada uma delas já tem seus princípios razoavelmente firmados e desenvolvidos, capazes, portanto, de dar algum lastro à grande aventura em causa. O nipo-brasileiro Toyota é um dos menos incertos e dos mais brilhantes aventureiros (no bom sentido do termo) da experiência esteticante (também no bom sentido) de arte e técnica. Mereceria prêmio melhor. Representando propostas de valor desigual, mas dando testemunho sempre de esforço imaginativo e de grande capacidade de trabalho, algumas das experiências de diversos outros artistas que compareceram à X Bienal deveriam ter sido incluídas entre as duas dezenas de prêmios oficiais ou laterais outorgados pelo júri internacional. Leve-se em conta, entre estas experiências, a de Milan Dobes, da Tchéco-Eslováquia, de índole cinética e *op-artística*, com afinidades claras e razoável dose inventiva; a de Francesco Marfótti, da Suíça, embora espetacular demais para o rendimento; a de Henrique Careaga, do Paraguai, com uso de luz negra e uma tentativa de aproximação entre o jogo e a participação; a de Fernando Grillon, também do Paraguai, no seu esforço de criação de ambiente tropical, com múltiplas formas de representação de um mesmo tema simples; a inovação gráfica da proposta da brasileira Lotus Lóbo, dando enfoque aos produtos de consumo da economia mineira, e às proposições genéticas e eróticas do mineiro José Ronaldo Lima, este entre os da arte fantástica; a de Sulamita Mareines, também do Brasil, desigual entre sua pintura e suas invenções óticas e eletrônicas.

Em terrenos menos inseguros, representações mais ricas que as diversas premiadas. É impressionante, escandaloso mesmo, que nenhum artista japonês tenha sido distinguido. Entretanto, a sala do Japão caracteriza-se exatamente por um conjunto de propostas inventivas que já não parecem apresentar grandes riscos. É o caso das propostas de Kozo Mio, com a sua excelente *Parde de Ficção*, pintada sobre superfície plástica transparente, que cria todo um fabuloso ambiente espacial. Mesmo a desistência de dois importantes artistas japoneses, Miki e Usami, que aderiam ao boicote internacional, mais uma vez o Japão, apresenta-se de forma esplêndida.

Cada um a seu modo, Vojin Bakic, da Iugoslávia, e Willy Weber, da Suíça, incuriosam com êxito pela escultura em metal, usando recursos de superfície espelhada e elementos de participação. O já mencionado Milan Dobes cria uma curiosa forma artificial de participação fazendo com que o espectador tenha a impressão de que são seus próprios passos que produzem os efeitos óticos provocados pela cinética da obra. Também o japonês Yuhara tira partido da participação das superfícies espelhadas através de uma rigorosa disciplina formal. Também o grafismo monumental do canadense Greg Curnoe, de alto potencial plástico nos elementos literários, deveria ser considerado, talvez mais que seu compatriota Murray, tendo em vista a originalidade e imaginação. Chamá-los de participação para a pintura do inglês John Hoyland, de grande vigor e potência dentro de um mínimo de recursos.

Estas são, em síntese, as principais omissões do júri internacional de premiação da X Bienal de São Paulo. E não são omissões consequentes de uma opinião individual, mas de uma visão justa, muitas vezes contrária ao gosto pessoal do articulista, como convém em trabalhos dessa natureza.



Kozo Mio, detalhe de *Parde de Ficção*, proposta fabulosa que a miopia do júri ignorou, bem como o conjunto do Japão

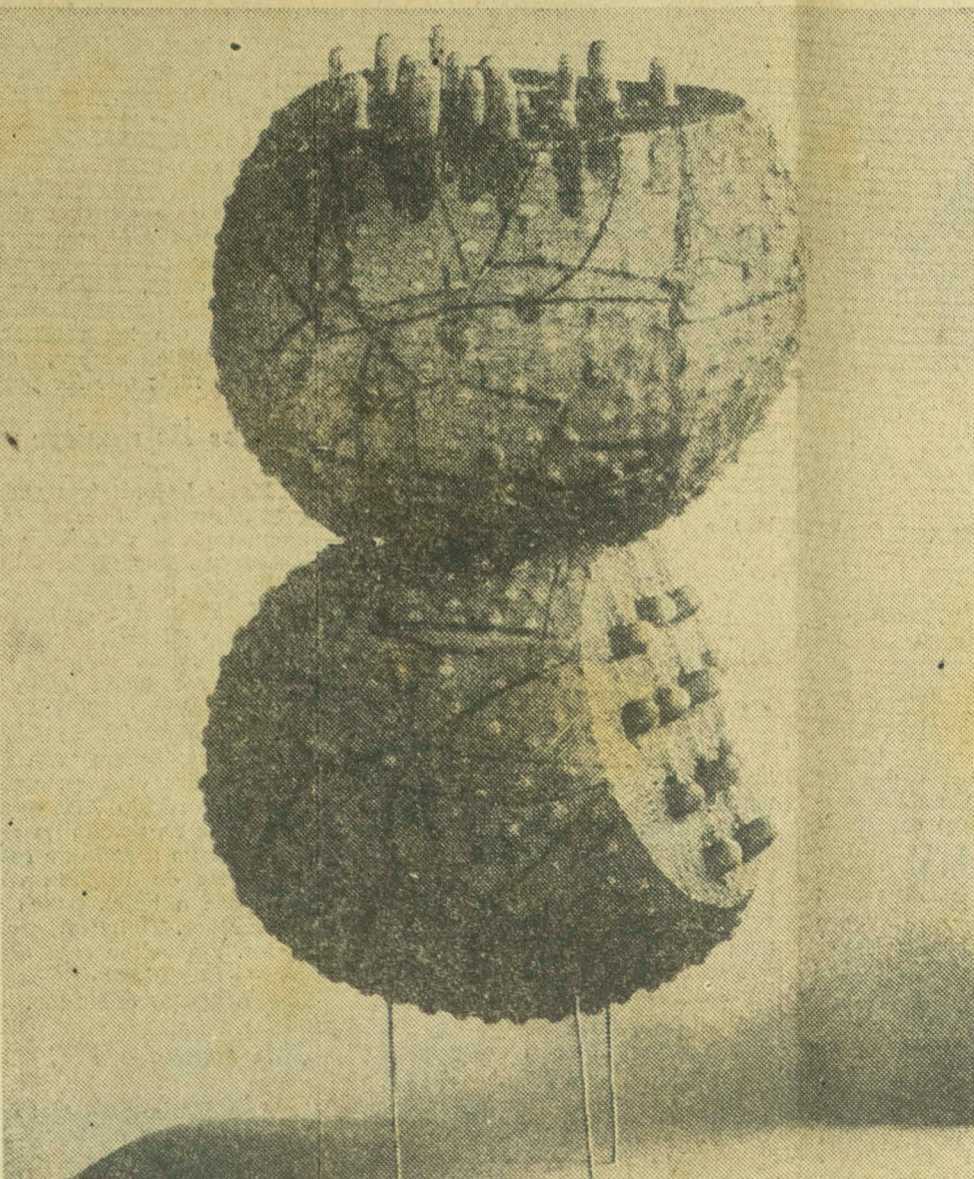
Jayne Mauricio

segundo caderno

CORREIO DA MANHÃ 5 DE OUTUBRO DE 1969

SÃO PAULO — Os nomes dos escultores Anthony Caro, Robert Murray, Elich Hauser, Herbert Distel e Eduardo Ramirez entre os nove prêmios oficiais da X Bienal de São Paulo evidenciam de modo bem claro o gosto do júri internacional por uma determinada corrente. Algo claro no surpreendente júri que tanto colaborou para a constatação final da X Bienal. Em princípio, uma preferência deste gênero é lícita, sobretudo tendo em vista uma tendência que exige do artista a árdua tarefa de dar o máximo pelo mínimo. Cada qual a seu modo — Caro e Murray, na verdade, de forma bem semelhantes — defende-se com incontestável competência na tarefa proposta. São diferentes os resultados que conseguiram, mas não se pode negar o valor de cada um.

O que não é compreensível nem admissível é que a preferência tão evidente por uma corrente afirme-se com o sacrifício flagrante da obra de outros artistas, ou, em particular, com o sacrifício, se não propriamente de uma outra corrente, pelo menos de uma disposição de espírito válida e muito fecunda. Esta disposição de espírito andou sendo pejorativamente caracterizada como preciosismo por alguns antipreciosos do júri. O julgamento contra ela atingiu alguns dos artistas melhor representados na presente Bienal. Não se aplicaria menos a



As requintadas e originais montagens vibratórias de Gunter Haese também não foram consideradas

um Paul Klee, por exemplo, que ao brasileiro Almir Mavignier, e mesmo ao escultor Gunther Haese, cuja obra surpreendeu numa das últimas bienais de Veneza e que assistimos.

Flagrante, mas não coerentemente, marcado por preferências e idiossincrasias, o júri ignorou Josef Albers, o artista que, sem sombra de dúvida, foi o grande profeta e o verdadeiro inventor da linha superpremiada pelo mesmo júri. Nunca é demais insistir sobre o caso de Albers, e colocá-lo fora de concurso é solução comodista comprometedora. No contexto da representação alemã — com a do Japão as mais vigorosas da X Bienal — as composições de Albers jamais poderiam ter sido encaradas como preenchendo um claro. Este claro não existia; além disso, em hipótese alguma Albers poderia ser um preenchedor de claros. Seu conjunto é reduzido; mas a qualidade e a importância de sua obra no contexto da arte contemporânea — e aí, sim, o critério de contemporaneidade, que confundem com o da atualidade, é rigorosamente aplicado — não são fatores que anulem face a um mero dado quantitativo. Quem precisar nesta altura do desenvolvimento da aventura do modernismo de uma exaustiva sala de Albers para julgar a sua obra, não pode julgar coisa nenhuma (domingo último, ocupamos largamente desta personalidade).

